Lição 5: Cinco maneiras pelas quais as coisas podem estar dispostas em relação ao movimento ou repouso. As duas primeiras excluídas

1004. Tendo mostrado no Livro VII que não há um processo infinito nos motores e nos móveis, mas que se deve chegar a um primeiro, e tendo agora mostrado que o movimento sempre foi e sempre será, o Filósofo prossegue para considerar a condição do primeiro movimento e do primeiro motor. E seu tratamento divide-se em duas partes.

Na primeira, ele mostra que o primeiro movimento é eterno e que o primeiro motor é inteiramente imóvel;

Em segundo lugar, a partir disso, ele passa a mostrar a condição do primeiro movimento e do primeiro motor (L. 14).

A primeira divide-se em três partes:

Na primeira, ele apresenta uma divisão com cinco membros;

Na segunda, ele exclui três membros dessa divisão, em 1006;

Em terceiro lugar, ele investiga os dois membros restantes para ver qual deles é mais verdadeiro, pois a verdade do que pretende estabelecer depende disso (L. 6).

1005. Diz, portanto, primeiro (773) que a razão para a seguinte consideração, na qual pretendemos investigar sobre o primeiro movimento e o primeiro motor, é que ela pertence a uma questão que ele levantou ao responder ao segundo argumento (dado na lição anterior), a saber, de onde provém que certas coisas estão ora em movimento e ora em repouso, e não estão ou sempre em movimento ou sempre em repouso, já que o movimento em comum é considerado perpétuo.

E ele diz que as maneiras pelas quais as coisas estão dispostas em relação ao movimento ou repouso são necessariamente limitadas a três. A primeira das quais é que todas as coisas estejam sempre em repouso e nada jamais em movimento; a segunda é que todas as coisas estejam sempre em movimento e nada em repouso; a terceira maneira é que algumas coisas estão em movimento e outras em repouso.

Mas a terceira maneira divide-se novamente em três maneiras. A primeira destas é que algumas coisas estão em movimento e algumas em repouso no sentido de que as que estão em movimento estão sempre em movimento e as que estão em repouso estão sempre em repouso, e nada está ora em movimento e ora em repouso.

A segunda maneira é o inverso, ou seja, que todas as coisas são aptas a estar em movimento e em repouso e que nada está sempre em movimento ou sempre em repouso.

A terceira maneira é que certas coisas são sempre imóveis e jamais em movimento; outras são sempre móveis e jamais em repouso; ainda outras podem ser tomadas com ambos, isto é, com movimento e repouso, de modo a estar em movimento num momento e em repouso noutro.

Este último membro deve ser determinado por nós como a verdade, pois nele estão contidas as soluções de todas as objeções. E quando tivermos mostrado isso, possuiremos o fim que pretendemos nesta obra, ou seja, chegar a um primeiro movimento eterno e a um primeiro motor imóvel.

Portanto, é da maneira acima que o terceiro membro da primeira divisão se divide em três membros, fazendo assim uma divisão geral consistindo em cinco membros.

Agora, deve-se notar que em três desses membros todas as coisas estão respectivamente colocadas em uma disposição definida; por exemplo, no primeiro membro, todas as coisas são consideradas como sempre em repouso; no segundo, todas as coisas estão sempre em movimento; e no quarto, todas as coisas alternam entre movimento e repouso. Mas em um membro, a saber, o terceiro, os seres são divididos segundo duas disposições, de modo que alguns estão sempre em movimento e outros sempre em repouso. Finalmente, em um membro, o quinto, os seres são divididos segundo três disposições; a saber, alguns nunca estão em movimento, outros nunca estão em repouso, enquanto outros estão às vezes em movimento e às vezes não. Observe também, neste último membro, que não é o repouso, mas a imobilidade que é postulada; porque o primeiro motor, que nunca é movido, não pode ser dito estritamente em repouso, pois, como foi dito no Livro V, apenas o que é apto a ser movido e não está sendo movido é dito propriamente em repouso.

1006. Em seguida, ele exclui três membros da divisão.

Primeiro, ele postula que nem todas as coisas estão sempre em repouso;

Segundo, que nem todas as coisas estão sempre em movimento, em 1007;

Terceiro, ele exclui o terceiro membro, no qual foi dito que as coisas em movimento estão sempre em movimento e aquelas em repouso estão sempre em repouso (L. 6).

Em relação ao primeiro, ele postula três afirmações. A primeira delas é que é devido a uma fraqueza de entendimento que alguns afirmam o repouso de todas as coisas e, em apoio à sua posição, buscam uma razão sofística sem recorrer aos sentidos. Pois isso procede do fato de que o intelecto não é capaz de destruir argumentos sofísticos que entram em conflito com coisas evidentes aos sentidos. Mas foi dito no *Tópicos* I que não há necessidade de disputar contra posições ou problemas que estão em uma mente que precisa de sentido ou punição. Portanto, não é necessário disputar esta posição, devido à sua estupidez.

A segunda coisa que ele diz é que este problema não diz respeito a um ser particular, mas ao ser em geral. Nem afeta apenas a ciência natural, mas de certa forma todas as ciências demonstrativas e todas as opiniões, ou seja, todas as artes que usam opiniões, como a retórica e a dialética, pois todas as artes e ciências fazem uso do movimento. Pois as artes práticas de certa forma dirigem certos movimentos, e a filosofia natural especula sobre a natureza do movimento e sobre os seres móveis. Os matemáticos também fazem uso do movimento, isto é, de um movimento imaginado, dizendo que um ponto em movimento faz uma linha. O metafísico, no entanto, considera os primeiros princípios. Assim, é evidente que destruir o movimento entra em conflito com todas as ciências.

Agora, um erro que afeta todos os seres e todas as ciências não deve ser repreendido pelo filósofo natural, mas pelo metafísico. Portanto, não é tarefa da filosofia natural disputar este erro.

A terceira coisa que ele diz é que problemas irracionais e inadequados sobre os princípios das ciências matemáticas não pertencem à matemática para serem respondidos. O mesmo é verdade nas outras ciências. Da mesma forma, não é tarefa do físico destruir uma afirmação contrária aos seus princípios. Pois em cada ciência a definição do sujeito é assumida como princípio; portanto, na ciência que lida com a natureza, é assumido como princípio que a natureza é um princípio de movimento. Assim, à luz destas três afirmações, é evidente que não pertence à filosofia natural disputar esta posição.

1007. Em seguida, ele exclui o segundo membro, no qual Heráclito postulou que todas as coisas estão sempre sendo movidas. E primeiro ele compara esta opinião com a anterior, que postulava que todas as coisas estão sempre em repouso; e diz que dizer que todas as coisas estão sempre em movimento, como Heráclito dizia, é tanto falso quanto contrário aos princípios da ciência natural. No entanto, esta posição não está em tão grande conflito com a arte quanto a primeira está.

Mas que conflita com a arte é claro, porque ela tira a suposição da ciência natural de que a natureza é princípio não apenas do movimento, mas também do repouso, cuja suposição torna claro que o repouso é algo natural, assim como o movimento. Portanto, assim como a primeira opinião, que destruía o movimento, era contra a ciência natural, também esta que destrói o repouso o é.

A razão pela qual ele diz que esta opinião é menos contrária à arte é que o repouso nada mais é do que a privação do movimento. Mas é menos evidente que não há movimento do que que não há privação de movimento. Pois existem alguns movimentos tão fracos e insignificantes que dificilmente podem ser notados; por essa razão, é fácil supor que algo está em repouso quando na

verdade não está. Mas movimentos grandes e fortes não podem ser ocultados; portanto, não se pode dizer que os sentidos são enganados ao perceber o movimento como são ao perceber o repouso.

Portanto, em segundo lugar, ele mostra como alguns postularam esta segunda opinião. E diz que alguns, como Heráclito e seus apoiadores, disseram que todas as coisas que existem estão sempre em movimento, e não apenas algumas coisas ou apenas em algum tempo, mas este movimento escapa aos nossos sentidos. Ora, se eles dizem isso sobre alguns movimentos, estão corretos; pois alguns movimentos realmente nos escapam. Mas porque eles não qualificam sua afirmação e falam de todos os movimentos, não é difícil encontrar argumentos contra eles, pois há muitos movimentos que evidentemente não poderiam ter existido sempre.

1008. Em terceiro lugar, ele formula os argumentos contra esta posição.

Primeiro com respeito ao movimento de crescimento;

Em segundo lugar, a respeito do movimento de alteração, em 1009;

Em terceiro lugar, a respeito do movimento local, em 1012.

A razão pela qual ele começa com o crescimento é que Heráclito foi levado à sua doutrina como resultado da consideração do crescimento. Pois ele observou que uma pessoa cresce uma pequena quantidade em um ano e, supondo que o crescimento seja contínuo, acreditava que em cada parte daquele ano ela era aumentada em relação a uma parte daquela quantidade; e, no entanto, esse aumento não é sentido, porque ocorre em uma pequena porção de tempo. Ele raciocinou, portanto, que o mesmo acontece com outras coisas que parecem estar em repouso.

Contra isso, Aristóteles diz que não é possível que uma coisa seja continuamente aumentada ou diminuída de modo que a quantidade aumentada possa ser dividida de acordo com o tempo, de forma que em cada parte do tempo haja um aumento correspondente. Pelo contrário, após o aumento de uma parte, há um tempo em que não há aumento, mas uma disposição é produzida para o aumento da parte seguinte.

E ele explica isso com exemplos análogos. O primeiro deles é que vemos que a multiplicação de gotas de chuva quebra uma pedra. O segundo exemplo é que vemos que coisas nascendo, ou seja, plantas que nascem em pedras, dividem as pedras. Ora, não podemos dizer que, se as gotas repetidas escavam ou removem uma certa quantidade da pedra em um determinado tempo, metade desse número de gotas, na metade do tempo, teria removido previamente metade dessa quantidade. Mas o que acontece aqui é o que acontece com relação aos puxadores de navio. Pois não se segue que, se 100 homens puxam um navio a uma certa distância em um determinado tempo, cinquenta deles o moverão metade da distância no mesmo tempo ou a distância total no dobro do tempo — isso foi dito no Livro VII. Assim também não se segue que, se muitas gotas escavam uma pedra, alguma parte dessas gotas tenha removido previamente a metade em algum tempo determinado.

A razão para isso é que o que é removido da pedra por muitas gotas é, de fato, divisível em muitas partes, mas nenhuma delas é removida separadamente da pedra, pois todas as partes são

removidas de uma vez, no sentido de que estão na totalidade removidas em potência.

E ele está falando aqui da primeira quantidade total que é removida, pois nada impede que, ao longo de um longo período de tempo, uma quantidade tão grande seja removida da pedra por essas gotas que uma certa parte possa ter sido removida anteriormente por uma parte dessas gotas. Mas devemos chegar a uma quantidade removida que é removida toda de uma vez e não parte após parte. Portanto, na remoção desse todo, nenhuma das gotas anteriores removeu nada, mas apenas dispôs para sua remoção. No entanto, a última age em virtude de todas e remove o que as outras haviam disposto para ser removido.

O mesmo acontece no movimento chamado diminuição. Pois não é necessário, se algo diminui uma certa quantidade em um determinado tempo (mesmo que a quantidade seja dividida *ad infinitum*), que em cada parte desse tempo uma parte correspondente da quantidade removida se desprenda; antes, em algum tempo, uma determinada quantidade se desprenderá toda de uma vez. O mesmo vale para o aumento. Consequentemente, não é necessário que algo seja continuamente aumentado ou diminuído.

1009. Então, em (778), ele contradiz a posição acima mencionada do movimento contínuo com respeito à alteração, e isso com três argumentos. Primeiro, ele diz que o que foi dito sobre o aumento se aplica também à alteração. Pois, embora um corpo que está sendo alterado seja infinitamente divisível, essa não é uma razão para supor que a alteração seja dividida *ad infinitum*, de modo que para cada período de tempo uma parte da alteração deva ocorrer. Pelo contrário, a alteração muitas vezes ocorre rapidamente, ou seja, muitas partes do corpo alterado são alteradas de uma só vez, como acontece quando a água é condensada ou congelada. Pois toda uma massa de água é congelada de uma só vez e não parte após parte (embora, se for uma grande massa de água, nada impede que uma parte congele após a outra).

Deve-se notar que o que Aristóteles diz aqui sobre a alteração e o crescimento parece contrário ao que foi dito no Livro VI, onde foi mostrado que o movimento é dividido de acordo com a divisão do tempo, e do móvel, e da esfera do movimento.

Mas deve-se reconhecer que, no Livro VI, Aristóteles estava falando sobre o movimento em comum, sem aplicação a móveis definidos. Portanto, o que ele discutiu lá deve ser tomado de acordo com as exigências da continuidade do movimento; mas no presente ele está falando do movimento com aplicação a móveis definidos, nos quais um movimento pode ser interrompido e não contínuo, o que, visto sob o aspecto comum, poderia ser contínuo.

1010. Ele dá o segundo argumento em (779), e diz que, se uma pessoa doente deve ficar curada, ela tem que ser curada em um período de tempo e não em um termo (um instante?) do tempo. E é ainda necessário que a própria mudança, que é a cura, tenda a um termo definido, ou seja, à saúde e não a qualquer outra coisa. Assim, toda alteração requer um tempo definido e um termo definido, porque toda alteração tende a um contrário, como foi dito no Livro V. Mas nenhuma mudança desse tipo é sempre contínua. Portanto, dizer que algo está sendo sempre e continuamente alterado é falar contra os fatos.

1011. O terceiro argumento ele dá em (780) e diz que uma pedra não se torna mais dura ou mais macia, mesmo após um período de tempo muito grande; assim, é tolice dizer que todas as coisas estão sempre sendo alteradas.

1012. Então, em (781), ele contradiz a opinião em questão com respeito ao movimento local, por dois motivos. Primeiro, de fato, porque alguns movimentos locais e repousos são tão evidentes que não podem ser ocultados. Pois seria estranho se nos fosse ocultado quando uma pedra é carregada para baixo ou quando está em repouso sobre a terra. Consequentemente, não se pode dizer que, devido à ocultação dos movimentos locais, todas as coisas devem ser supostas como sempre sendo movidas localmente.

Tnl3. Em segundo lugar, em (782), ele argumenta assim: A terra e qualquer outro corpo natural, quando estão em seus lugares devidos, repousam por uma necessidade da natureza e não são removidos exceto pela força. Mas é evidente que certos corpos naturais estão em seu lugar devido. Portanto, é necessário dizer que algumas coisas estão em repouso com respeito ao lugar e que nem todas as coisas estão sendo movidas localmente.

Finalmente, conclui em resumo que, pelo que foi exposto e por outras coisas semelhantes, qualquer um pode saber que é impossível que todas as coisas estejam sempre em movimento, como disse Heráclito, ou que todas as coisas estejam sempre em repouso, como disseram Zenão, Parmênides e Melisso.

Revision #2
Created 27 September 2026 18:50:28 by Admin
Updated 1 October 2026 23:54:35 by Admin